

Capítulo 1

Naquela escura sala de reuniões em formato hexagonal, o jovem Abejide tremia frente às catorze entidades que o vigiavam do alto de seus grandes tronos banhados em ouro reluzente. Em cada vértice do heptágono jazia um deles ao lado de uma bela Pomba gira, os imponentes governantes dos sete reinos do submundo. Já no meio da sala, lânguido e de bruços, Abejide mal podia se mover, as pernas cravadas uma na outra e o corpo grudado no chão. A tremedeira, contudo, não era relacionada ao medo, mas à força sobrenatural que o Exu Tranca-Tudo exercia sobre ele. Os músculos de suas costas nuas retesadas, as escápulas, muito salientes, quase se fraturando para fora do corpo. A dor de um grande exército invisível pisoteando suas costas não era nada se comparada à ameaça que representavam as divindades que o observam com faces neutras.

- Sua magia inconveniente não tem efeito por essas terras. – disse o Tranca-Tudo com um olhar de desprezo. Abejide permaneceu calado, circulando com dificuldade o olhar pelo ambiente. Fogo situado em grandes bacias metálicas e velas, caveiras com o crânio aberto e flamejantes, máscaras longas e ovais penduradas nas paredes, cheias de símbolos africanos e desenhos de animais e pássaros. Tanto as caveiras, quanto às máscaras pareciam lhe lançar um olhar de decepção, como se as sobrancelhas mal pintadas franzissem em cima dos olhos ocos.

- Não subestime o garoto. – retrucou o Exu Rei dos Sete Cruzeiros, vestindo sua grande capa marrom um pouco desbotada. – Não se esqueça de que este jovem levou Oludumaré ao limite, meu caro.

- Há, que bobagem! – gritou Tranca-Tudo. Sua capa turquesa e decorada com safira, somada a seu rosto sombrio tornavam-no o mais horripilante. – Se não fosse por nós, ele estaria morto assim como todas as outras coisas vivas. E agora, como tu desejaste seu bem próprio, iremos balancear o karma a nosso favor. Que comece a punição!

As Pombas Giras vestidas em suas luxuosas túnicas, brincos nos lóbulos e colares brilhantes nos braços, acenaram que sim meneando a cabeça. Aquele era o preço que Abejide havia de pagar por ter sido poupado após a batalha contra o Orixá Criador. Quem primeiro saiu de

seu trono fora o Exu das Sete Encruzilhadas. Sua extravagante capa de tons vermelhos e negros tremulava conforme ele cambaleava nas escadinhas rentes ao trono. Andava vagarosamente, apoiando-se sobre sua bengala com dificuldade. Na outra mão carregava uma taça dourada contendo sua refinada bebida. “Por que não solta essa taça, velho exibido?” pensava Abejide o observando. Ao mesmo tempo, o Exu se aproximou dele e ficou de pé frente a seu corpo subjugado, afinando com os dedos seu bigode grosseiro.

- Eu vou começar, pois tenho preferência de idade. – falou em voz alta para os colegas. Os olhos fixos no corpo fraco do garoto.

- Seu velho tolo! – vociferou Abejide, erguendo o rosto do chão e surpreendendo a todos. Algo em sua mente lhe fazia querer matá-lo, destruir todos ali. Uma mulher, um homem e uma garota, o massacre de uma aldeia. A sua aldeia, a sua família.

Ergueu-se de imediato como se tivesse despertado um poder maior, e liberou-se de toda a pressão em suas costas. Ajeitou rapidamente sua túnica laranja sobre o ombro e correu em direção ao portão de saída da grande sala. O olhar desdenhoso dos Exus e das Pombas giras o perseguiu.

- Que ousado! De fato, não é nada fraco. – exclamou Traca-Tudo, levantando os braços. Lançou um feitiço em Abejide; uma força invisível fez o garoto petrificar e seus pés descalços ficaram presos ao chão frio, enquanto os braços permaneceram dobrados, na posição de alguém que corri um pouco antes da parar no tempo.

Movimentando o braço para trás, Tranca-Tudo o espatifou no solo, de volta à posição original, e Abejide sentiu seus ossos trincando e estalando, a coluna quase fraturando pelo impacto. O velho Exu das Sete Encruzilhadas se aproximou novamente, agachou-se e tocou-lhe o queixo carinhosamente. Com um olhar censurador, ameaçou:

- É melhor que tu fiques por bem, meu jovem. Já causou problemas demais em Aiye e Orum, e não vamos tolerar que brinque com a nossa paciência. Faça isso de novo, e você pagará um preço ainda maior do que aquele que temos em mente.

Os olhos debochados do Exu o dominaram. Abejide recuou o olhar. Um passo em falso e ele acabaria como sua família. Aquele pensamento vil fazia seu coração palpitar e a mente se corroer. No fundo, ele queria concentrar sua magia e acabar com todos eles como fez com Olodumarê, mas algo, uma ideia mais racional talvez, pedia que ele não se movesse, que se deixasse levar pelos Exus, ao invés de encarar uma morte dolorosa.

O Exu velho lançou um olhar ao resto dos colegas e ergueu os braços. Os outros Exus acenaram com a cabeça. Num instante, uma nuvem preta surgiu no teto da sala, um forte vento rodopia pelo heptágono, as caveiras flamejantes arrefecem, a luz fraca se esvai das velas, as máscaras tristes caem e o breu total vem repentinamente. Um estalido alto ecoa, antes que a ventania e a nuvem fossem embora por entre as grades do portão de entrada. Depois disso, apenas a voz do Exu velho ecoou:

- Já sei onde vamos, meu jovem, mas acho que você não achará meu reino tão agradável quanto eu...

Uma risada maléfica e estridente ressoa arrepiando Abejide. Mais um estalo ocorreu, dessa vez vindo dos dedos do Exu velho.

Galhos de árvores iluminados surgiam em meio à escuridão. Rosas, jasmims e orquídeas murchas em meio a arbustos e ipês de folhas secas brotavam do nada em uma grama amarelada, surgindo no chão como se estivessem nascendo naquele momento. O Exu permanecia de pé, com os braços para o alto e olhos fechados. Atrás dele, a floresta do Reino das Sete Encruzilhadas despontava, com aspecto cinzento e aroma de carne podre substituindo o perfume das flores.

- Gostou da vista? – pergunta o Exu, sorrindo maliciosamente. – Se olhar com calma, vai enxergar as almas amaldiçoadas e vazias, que já não nutrem mais nem amor, nem esperança em seus âmagos.

Além do cheiro ruim que sufocava Abejide, o rapaz teve que se esforçar para olhar em volta, ainda sob a pressão do Exu. O céu negro e retumbante parecia querer lançar-lhe uma tempestade, um raio seguido de trovões estrondosos bem sobre suas costas. Em volta, os girassóis de

pétalas caídas nutriam as larvas das moscas que sobre eles fervilhavam, quase como se as plantas fossem feitas de carne estragada. De tão murchos e torcidos se assemelhavam a crianças corcundas esqueléticas, sem sonhos e cabisbaixas.

Por entre as árvores, vinham as primeiras almas, os prisioneiros. Seus braços presos por entre algemas de madeira. Homens de olhos revirados, barba cumprida, vestes rasgadas, e que andavam cambaleando. Dirigiam-se para algum lugar em especial, e Abejide não teve dúvidas de que eles eram obrigados a seguir algum caminho, subjugados por forças exteriores.

- Venha comigo, jovem. – Erguendo seu bastão, o Exu das Sete Encruzilhadas fez Abejide levitar. Na face franzida dele, uma expressão dolente.

“Desgraçado, onde está me levando?”

Mas ele não podia falar. Sentia braços, pernas e músculos do rosto se retesando e tremendo, contraídos como se nunca pudesse relaxá-los.

- Nós nem mesmo começamos ainda. Vamos, não me faça essa cara de dor, moleque!

Naquele estado -, o Exu andando e Abejide flutuando -, começaram a seguir os prisioneiros. Ao posicionar-se na fila junto aos outros, O Exú aponta para um grande prédio de blocos cinza com grandes portões e muro alto na fachada.

- Vou mandá-lo para sua cela.

Passaram os prisioneiros, numa caminhada que pareceu durar dias, o corpo de Abejide formigando como se aranhas o corroessem de veneno. Passaram o portão e logo adentraram ao tão famoso corredor da prisão, onde homens perdiam a razão e se tornavam objetos crus e desgraçados. Gritos ecoando de todas as celas fétidas e úmidas sobrepondo-se aos estalos de lâmina e chicotes fustigando pele humana.

Apesar da escuridão, Abejide viu por dentro de uma cela. O prisioneiro tinha uma lâmina cravada no abdome, perfurando-o de ponta

a ponta. Desejou não tê-lo visto. Agora já podia imaginar o que fariam com seu corpo.

- Esta será sua nova casa. – disse o Exu, ao parar em frente a uma cela no fim do corredor. O carcerário seminu e ossudo ao lado dos dois abriu a porta, deixou que o Exu levasse Abejide até os grilhões encostados na parede. Seus pulsos automaticamente encostaram nas correntes e as algemas se fecharam.

Estava preso.

Três metros acima do chão.

Braços estendidos e inclinados acima da cabeça, uma posição não só desconfortável, mas que já anunciava que o pior ainda estaria por vir.

- Vamos nos divertir. – disse o Exu saindo pelo corredor sorrateiramente. Ao mesmo tempo, o carcerário entrou na cela, como se tivesse trocado de lugar com seu mestre. Algum tempo depois, o Exú voltou com uma lâmina de tamanho igual a seu bastão.

Abejide gritou. O primeiro de muitos outros berros que seriam dados. A faca o penetrava, perfurava sua pele na altura do abdome e saía pelo outro lado, rente a espinha. Sangue jorra por entre a lâmina, banhando seu corpo e os panos velhos que usava como veste. Não demorou para que a roupa parecesse ter sido ensopada num banho de sangue.

Perfura perna. Perfura tórax. Perfura antebraço. Perfura-lhe a vontade de viver.

Perfura. Perfura. Perfura.

E o sangue derramava, escorregando pelos braços torneados e oleosos. Os olhos revirados como os dos outros prisioneiros. Boca torta e caída de lado.

Observa o Exu raivoso, de dentes afiados pra fora, lhe destruindo o corpo e lhe descarnando, e tem um súbito. Já havia passado 3 dias entre cortes e perfurações. Será que sua família sofrera tanto daquele jeito

quando morreram? Quando sua aldeia tivera sua pele arrancada de si, quando fizeram de seus corpos fortes e musculosos, carne podre, carne nojenta que agora está sendo usada por moscas nos girassóis que vira na floresta? Com toda certeza, a floresta eram eles, e ele agora faria parte da floresta. Larvas brotando dos poros de seu rosto lustroso e sem vida.

Já até podia senti-las o comendo por dentro, saindo de suas veias e se alojando em suas cavidades, em seus átrios e ventrículos numa colônia de nutrição.

Outra coisa também vem com elas, pois as larvas não se alojam no cérebro. Aquelas que queriam o encéfalo não eram larvas comuns. Não pertenciam a uma colônia simples que visava se alimentar de seu sangue. Pelo contrario, vieram dar-lhe força. Por um momento, viu a colônia nojenta se aglutinando, transformando-se nas moradias de palha e nas decorações de caveira e velas, colares feitos com pedrinhas de chão. Vieram-lhe avisar de que tinha um trabalho a ser feito.

“Agora, cresça, garoto! Nos livre dessa maldição”.

E ele, claro, não podia se negar.

Por que derrotara Olodumarê? E por que estava tão disposto a acabar com a extensa linha de Orixás presa no dedão do pé, dilacerando-o? A tal da linha nunca o deixava em paz.

Com coração e mente agora sintonizados, fechou ambos os punhos e puxou os braços para baixo. As correntes se arrebentaram e ele caiu exausto.

- Mas o que? Essas correntes não são...

Comuns. O Exu, ajoelhado em frente ao desnutrido Abejide, se surpreendeu. Já estava cansado, pensando que passara da conta e que já devia ter entregado o moleque a algum colega. Largou o facão, e de repente se ergueu mais do que os próprios pés gostariam. A coluna sentiu a idade, e ele levou as mãos às costas. Prosseguiu a levitar e disse, apontando para Abejide:

- Sou um velho cansado, mas não vou deixar que saia assim, meu caro. Carcereiros! Cuidem dele. Eu voltarei em breve.

O capanga que surgiu em frente à Abejide segurava uma espada afiada e brilhante, tilintando-a nas grades da cela, a passos lentos. Não demoraria para que entrasse, mas parecia estar andando ainda mais devagar, apenas para torturar Abejide psicologicamente.

Abejide ficara lá, observando, entontecido, o capanga rondando a cela.

— Psiu! Psiu...

Sua hipnose se desfez. Ao seu lado, jogado no canto da cela, notou que havia um homem bem velho fincado a uma espada antiga na parede. Em estado decrépito, o dedo mindinho faltando e os ossos fazendo relevo na pele.

— Se me ajudar... Te ajudo a sair daqui. Vi seu olhar... Conheço-o muito bem. — disse ele, mirando Abejide com os olhos estreitados. — De quebra, você ainda consegue uma arma boa, hein, que tal?

Agora, o prisioneiro olhava para a espada. Abejide pensou que iria matá-lo se a retirasse, sangue jorraria para fora como se estivesse sendo sugado. No entanto, Abejide olhou em volta e se lembrou de onde estava. Aquele homem já estava morto, há muito tempo. Esperava apenas o sofrimento acabar.

Fez como pedido e, rapidamente, antes que o carcereiro pudesse entrar tirou a espada do peito do homem, de uma só vez, como se encenasse Arthur tirando a Excalibur da pedra mágica. Quando o carcereiro se aproximou, já era tarde demais. A espada atravessou o peito do capanga na mesma posição em que estava cravada no prisioneiro morto — entre as costelas, no esterno. O prisioneiro deitou o rosto ainda mais inclinado na pedra. Pouco sangue derramou-se de seu peito frio, antes que ele suspirasse pela última vez.

— Obrigado, filho... — falou com um sorriso mirrado.

Abejide acenou com a cabeça e saiu da cela. Correu em direção à saída.

Não imaginava o que viria pela frente. Não queria imaginar.

Surpreendeu-se quando vira um monstro guardando o corredor, se é que poderia se chamar aquilo de monstro... Talvez fosse, mas apenas para os homens.

Uma mulher de cabelos longos, negros, corpo fino e com curvas pontuais na altura da cintura e abdome, além de uma longa cauda entre as pernas. Isso era o que ela tinha de normal. As asas negras e cheias de nervos atrás, batendo firmes no ar, e as unhas bem maiores que o normal formando garras. Abejide não sabia dizer se aquilo era um monstro, a mente não o permitia distinguir. Estava travado, agora com o encanto da súcubo.

— Ei, garotão. — disse ela levando o dedo ao lábio. — Nós sentimos o seu cheiro...

Flutuando com ela ao longo do enorme corredor, todo o ninho de súcubos, prontas para sugar a energia vital do prisioneiro. A primeira veio rápido, deslocou-se pelo ar até Abejide e com os braços o levou ao chão.

Prestes a abocanhá-lo, a súcubo o prendia com as mãos ao chão, quando Abejide lhe atravessou a espada na altura do peito, no coração. Um grito alto ressoou pelas celas da prisão, um zunido nos ouvidos das companheiras. Era um aviso para que atacassem.

E assim elas avançaram, deslizando sobre o vento em direção a ele para um ataque com garras. O encanto fora desfeito no momento em que Abejide lembrou-se de sua família. Era a única coisa que poderia fazer por eles. Vingarem-nos.

Ainda usando a lâmina sangrenta, Abejide correu pelo corredor da prisão, fincando uma a uma cada súcubo que lhe surgia à frente aos gritos agudos. Com força, seus olhos vão ficando vermelhos, mesma cor em que o sangue das súcubos reluz, cabeças vão sendo decapitadas, assim como membros e corações.

Parou apenas quando chegou ao pátio da prisão. Árvores e flores mortas tocam-lhe os pés. Abejide, cansado e ofegante, notou que seu pé facilmente aderiria ao solo terroso. Na verdade, não eram as coisas de cima que aderiam para baixo da terra, mas o contrário. Não demorou para que as caveiras surgissem do chão, vestidas a trapos, tentassem puxar seus pés. Não havia jeito, nem tempo para respirar. Tinha de fazer como fez com as súcubos. Empunhou a espada, segurando-a pelas pontas e avançou como uma carroça, atropelando-as. Cada uma delas, de um modo semelhante ao das súcubos vão se desmontando. Os ossos espalham-se pelo jardim, alguns se apegam nele, quase se fincando.

Quando tudo terminou, não pôde deixar de finalmente respirar aliviado. Com os braços apoiados nos joelhos, olha para os altos portões da prisão à sua frente. A saída do inferno logo à vista.

No entanto...

Uma fera ainda mais maligna que as outras o aguardava. Era angustiante ver que seus problemas não haviam findado. Uma criatura de duas cabeças, uma longa e tenebrosa cobra silvando e um feroz leão rugindo. O tronco era humanoide, mas com patas. Uma Exo quimera prestes a destruí-lo.

Abejide colocava-se em posição de ataque, quando o corpo cedera. Caiu ajoelhado no chão. As pancadas dos ossos das caveiras o incomodavam, assim como a lembrança das facadas na cela. A criatura rosnou e silvou em risos.

— O que o trouxe até aqui, garoto tolo? — falou entre dentes. — Mal consegue ficar de pé. Se Aiye e Orum já se foram, o que é que você procura? Não há mais nada para ti, rapaz.

— Tudo o que passei até aqui... Você tem razão. Perdi tudo o que tenho. — Abejide grunhiu. Em seguida fez uma longa pausa, como se reunisse as forças que ainda tinha para dizer à quimera o que pensava. Não porque precisava dizer algo a ela para satisfazê-la, mas para dar propósito a si mesmo. Era para isso que serviam suas palavras. Era assim que ele sentia-se vivo e era por estar ainda vivo, que ele tinha de cumprir

seu único objetivo, sem pensar em mais nada. — Estou sempre numa situação tão ruim como essa. No entanto, — Abejide gritou alto, aves voaram assustadas. Era sua determinação tomando forma tangível naquele submundo —, vou continuar seguindo meu caminho. Eu ainda tenho um propósito e irei cumpri-lo porque é a única coisa que me mantém vivo. Não importa quantos obstáculos surjam... É só isso que me resta em vida, algo que vocês monstros jamais entenderiam! Vou matar todos!

Com um impulso mágico, Abejide se levanta e com a espada empunhada voltada para trás, corre para apunhalar a fera. A cabeça de cobra é veloz, desvia da investida, entortando-se para o lado. Momento perfeito para a cabeça de leão tentar uma mordida. O alvo? A cabeça do inimigo. O pulo do colosso foi pungente. Mais uma vez Abejide se via protegido dos dentes de uma fera por uma espada. A quimera o prendia ao chão com suas garras enormes, tentava abocanha-lo com as duas cabeças que acertavam só as folhas mortas atrás de Abejide, fazendo-as flutuar sobre os dois.

Um chute certeiro no estômago jogou a quimera para longe. De imediato, Abejide se reergue e avança rápido aos tornozelos do monstro. Cortou as duas patas de sustentação da besta, cuja cabeça de leão grunhiu alto para o céu.

“As pernas são o ponto fraco.” pensou Abejide, dando um pulo ligeiro, para cravar mais dois cortes nos tornozelos da fera.

A quimera dessa vez não gemeu. Mais aborrecida, girou o tronco velozmente e acertou com o rabo o rosto de Abejide, que foi arremessado direto ao portão, ressoando um tilintar estrondoso no choque. Meio zozzo, ele toca a cabeça por trás.

“Sangue”.

Não iria aguentar ficar de pé por muito tempo.

Ajeitando-se com a espada enferrujada cravada no chão, Abejide se levanta. Aponta a lâmina para o Exo quimera. A fera não pareceu gostar e, irritada, fez o mesmo movimento com o rabo.

Um engano tolo. Abejide estava preparado dessa vez. Ágil, ele se agacha, sente a brisa de ar frio que o rabo leva consigo passar sobre sua nuca, e depois de uma cambalhota desengonçada, salta e crava a espada na perna esquerda da besta. O rugido mais uma vez ressoou, mais alto do que o anterior. A besta caiu.

Restava apenas finalizar, e foi o que ele fez. Tirou a espada sangrenta da perna da fera, e com força cortou a cabeça de leão. Em seguida, foi a vez da cobra perdê-la. Ambas caíram espasmódicas no chão de terra negro e apodrecido.

Saiu cruzando o portão e contemplou a floresta do Exú das Sete Enruzilhadas. Parecia-lhe ainda mais horrorosa do que outrora.

Cambaleou alguns passos, pensando que já estava a salvo quando fora surpreendido pelo Exú. Já não podia mais se mover dada a pressão usual que o inimigo exercia.

— Muito bem, meu rapaz. Tu mataste a quimera, as súcubos e se livrara das caveiras. No entanto, tudo que é bom dura pouco. Não penso mais em torturá-lo. Agora vou te matar, e que se danem meus colegas, pois tu já és uma ameaça de alto nível. O Reino das Sete encruzilhadas será seu túmulo.

— Não... Não vai não. — Ele se ergue aos poucos, apoiando os braços no chão e ignorando a pressão invisível sobre si. Já se acostumara completamente com a presença do Exú. — Teu reino é que será tua tumba, monstruosidade!

— Muito bem então... Que duelemos! — bradou o Exú. O chão estremeceu e o ambiente pareceu ressoar com o grito, o céu ficou mais alaranjado e as folhas tombaram dos galhos de árvores. Era a força do Exú, que crescia, assim como fazia crescer seu corpo. Já em torno de quatro vezes o tamanho de Abejide, o Exú começa o duelo com sua habilidade elementar de água, que rodeou seu bastão. Tentou atingir Abejide, que desviava com cambalhotas desengonçadas. Aqueles movimentos ágeis pareciam ser sua nova especialidade.

Só havia um modo de derrubar o Exú e Abejide sabia bem qual era. O bastão era usado para se apoiar, pois uma das pernas era mais fraca. O Exú cairia como a quimera caiu!

Concentrou os ataques na perna específica, cortando-a por todos os lados. O bastão tentava alcançá-lo, mas era insuficiente.

— Maldito moleque! — berrou o Exú em dor excruciante. A perna já não o suportava mais. — Você pagará por isso!

Caiu de costas, automaticamente diminuindo de tamanho. Abejide cravara a espada em seu peito.

A floresta, a prisão, o corpo do Exú se deterioraram como se juntos fossem uma unidade. A cabeça do sistema ia-se embora e por isso o corpo desfalecia-se.

O cheiro podre da floresta já não se fazia mais presente, nem as árvores negras e as flores murchas a decoravam. Em seu lugar, um verde jardim reluzente tomou conta, com jasmims, ipês, arbustos e ervas espalhando seu aroma refrescante. O sol belo e brilhante voltava a iluminar o Reino das Sete Encruzilhadas.

Os prisioneiros cruzavam o portão, acenando, agradecendo Abejide pela liberdade.

— Tu fizeste muito bem... — disse um homem velho de barba amarela. — Obrigado mais uma vez... Não se preocupe, retornarei o favor no futuro. Mais importante que isso, vejo que fizeste bom uso do meu... acessório.

Abejide arregalou os olhos.

— Então você viveu...

— Claro que sim... Até parece que eu iria me esvair instantes antes de me libertar. — O prisioneiro riu. Abejide sorriu, condescendente. — Está vendo essas ervas que agora floresceram?

Abejide as observou, confuso. Em volta das árvores, havia ervas coloridas em vários tons estonteantes e cintilantes. O homem explicou os

efeitos curativos de cada uma delas, e Abejide o escutou atentamente. A paisagem serena o tranquilizava, apesar de saber que sua jornada só estava começando.

— Agradeço a explicação. — disse ele, caminhando para dentro da floresta. — Agora, voltarei a meu caminho...